

## HOSPÍCIO

### Autor(res)

Nair Fatima Nunes Garcia  
Pamela Antunes Oliveira  
Patrícia Marta Bastos Dos Santos  
Flávio Oliveira Silva  
Inês Soares Silva

### Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

### Instituição

FACULDADE ANHANGUERA

### Resumo

Os pátios são enormes, e os seres que ali se agitam estão nus, em posições extravagantes, muitos são estátuas descarnadas, meio zumbis. Alguns estão deitados como se imitassem sáurios, muitos de cócoras, outros refazendo trajetos intermináveis, havendo aqueles que comem detritos ou excrementos. Os sons que emitem Ossãozuzuns, não são humanos.

No interior dos pavilhões o cheiro não penetra apenas pelas narinas: é sentido na pele, como se tivesse o peso dos

odores ali acumulados, que se somam aos cheiros antigos daqueles que morreram e os deixaram de herança para os que chegam. Mistura de bodum, morrinha, inhaca, catinga, fedores que eles não mais percebem, tatuagens nos

s e u s s e n t i d o s . Há um pavilhão com 400 mulheres peladas. Dizem que se recusam a usar as roupas oferecidas pelo hospital, onde os catres não conhecem cobertores.

Este é o mesmo manicômio em que há celas sem luz, sem colchão, sem nada, para abrigar e castigar os loucos perigosos, assim classificados sem função de percepção e sem fundamento. Na liberdade e nudez dos farrapos, privados de tudo, todos levam a tiracolo seu embornal, do qual não se separam. O embornal é o símbolo de sua propriedade. Nele colocam seus dejetos e seus desejos, seus medos e suas poesias, o nada

q u e l h e s p e r t e n c e .

Há um momento em que a comida chega e é jogada em cochos existentes nos pátios áridos, para onde animais humanos, famintos, se dirigem. Nos refeitórios, macacos humanos passeiam pelas mesas de pedra.

Por toda a parte há guardas, garantindo a ordem. Médicos passeiam, cegos e surdos, petrificados, já sem faro, sem tato, como visitantes obrigatórios, registrando comportamentos e exibindo receituário inútil, sem perceber o tanto de sofrimento

e d o r a l i p r e s e n t e s . A m i m r e s t a - me avergonhada de ser gente, avergonhada de aceitar o que contemplo. Pior, avergonhada de me intitular médico-psiquiatra.

Diante disso, uma pergunta me atormenta: como fazer para acabar com este lugar, como lutar pela definitiva



extinçãodoospício?Devomedicaraissocomasforçasquetiver,mesmoquetudoconspirecontramim.